

O VALOR INCALCULÁVEL DA ARTE

Dra. Ana Vico Belmonte

No início do curso de 2022-23, o reitor da Universidade Rey Juan Carlos (Madrid, Espanha) convidou-me a inaugurar o ato de abertura do Curso das *Universidades de Madrid*. Quis centrar este discurso no nosso património histórico e na atividade colecionista que tanto nos apaixona e impele a estudar com cuidado e admiração os bens histórico-artísticos. O discurso intitulou-se “o valor incalculável da Arte” e ditava assim:

“Educar na beleza, Educar, é o que o nosso património histórico-artístico nos proporciona todos os dias. Fá-lo, cada vez que percorremos cada esquina e sítio da geografia que nos rodeia, envolvendo-nos na sua arte, reflexo da nossa história, e instruindo-nos de forma silenciosa sem nos darmos conta.

Assim, quer a Arte nos atraia ou não, todos os edifícios, monumentos, restos arqueológicos ou antiguidades, nos educam, através da sua funcionalidade, desenho e estética. Ensina-nos ainda, a distinguir estilos artísticos, elementos arquitetónicos, períodos históricos e um sem fim de detalhes que não seriam possíveis evidenciar se não estivéssemos rodeados por tal património cultural.

Ao longo da História, o ser humano desenhou e projetou objetos atendendo à sua função, tendo em conta, todavia, a sua estética. É nessa dimensão que hoje em dia encontramos objetos que são procurados e comercializados, mesmo após perderem a sua função original. De facto, algumas dessas relíquias de outros tempos, abriram espaço para os nossos mercados que, se inicialmente se baseavam em trocas ou intercâmbios, depressa passaram a ter um valor monetário onde se incluem as moedas.

Permitam-me que, chegados a este ponto, faça uma menção especial às moedas, pois são sem dúvida, um objeto que evidencia o aperfeiçoamento da Arte. As moedas foram criadas nos finais dos Séc. VII A.C., pela força constitutiva do Reino de Lídia e, à posteriori, das restantes cidade-estado da Grécia Antiga, como reflexo do seu poder político. As moedas nasceram para determinar o valor último da cadeia de trocas dentro do mundo dos metais preciosos. Inicialmente como lingotes que evoluíram e se transformaram em moeda fiduciária e fraccional, ajustando os seus pesos e incorporando a identidade dos seus Estados emissores.

Aqui a Arte mostraria todo o seu esplendor, agregando as características de funcionalidade, estética e desenho. Para além de ser necessário distinguir entre os vários valores monetários, cunharam-se cenas diversas que se converteram em lindas peças que representavam um meio de pagamento com um valor intrínseco. Ao mesmo tempo, determinavam outra importante característica: a utilização da Arte como uma ferramenta viva de marketing, expondo diferentes comunicações propagandísticas do seu poder emissor, com diversas mensagens nas suas faces, desde temáticas políticas, económicas ou religiosas e sempre atendendo aos diferentes públicos ou utilizadores dependendo do metal em que se cunhavam.

Graças a estas representações, as moedas são, sem dúvida, uma fonte documental inigualável para a História. Pois de pequenas peças de metal podemos inferir: eficiência no seu desenho; qualidade de conceção; e beleza na sua criação. Características que captam a nossa atenção hoje em dia, tal como já o fizeram a colecionadores do passado, que as procuravam para as suas coleções a troco de um preço em moeda de curso legal.

As obras de Arte não são de um valor incalculável, antes pelo contrário. Pois, ainda que em muitas ocasiões seja difícil valorizar estes objetos, não o é impossível. Neste contexto, a célebre

frase “Valor incalculável” não é correta, ainda que usada pelos Media de forma abundante, sempre foi possível calcular um preço, tendo em conta o seu valor histórico, artístico e sobretudo quanto à qualidade dessas mesmas obras. De facto, é importante que sejamos capazes de garantir tal valorização, já que, o Património Cultural se reveste em uma mais-valia e não poder valorá-lo incita ao desrespeito e falta de reconhecimento na sua justa medida.

A administração pública, garante da conservação e enriquecimento do nosso património, dispõe, sem dúvida, com preciosos aliados: os colecionadores e mecenas, os quais atualmente com o seu capital privado, ajudam nesta tarefa. Sem estes, o custo de conservação seria infinitamente superior e no caso do Património Cultural Espanhol roçaria a insustentabilidade. Por esta razão será tão importante fortalecer a política de mecenato bem como reconhecer o importante contributo do colecionador.

O cuidado no nosso património dever ser uma competência pública e privada. Na verdade, ao longo da nossa história, o enriquecimento e preservação do nosso património cultural sempre conjugou o trabalho levado a cabo pela administração pública e o capital privado, basta ver a origem dos nossos museus e galerias de arte. Nascidos a partir de coleções privadas e adquiridas através de diferentes canais e mercados, constituindo assim, na nossa Espanha atual, um poderoso mercado económico, que é a indústria cultural e criativa.

Este é o valor da Arte e onde se baseia a Economia da Cultura. Um ramo da Economia que estuda a criação, distribuição e consumo de obras de arte. E que, em anos recentes, o professor Bruno Frey da Universidade de Zurique, converteu em uma disciplina de estudo de grande interesse para os diversos ramos tradicionais do conhecimento. Tentando assim alcançar um reconhecimento académico em que a investigação interdisciplinar conjugou interessantes feitos em prol do valor e rentabilização da arte e do património cultural por parte das sociedades atuais.

Dentro das indústrias culturais e criativas, a Arte é a principal matéria de estudo, do qual irradia ou se interrelaciona com outras disciplinas académicas. A Universidad Rey Juan Carlos apostou no ensino desta disciplina emergente, garantindo vários títulos nos quais os estudantes podem-se debruçar e aprofundar o estudo da Economia da Cultura e na Gestão Cultural. Entendendo-se estas profissões como uma extensão do programa educativo escolar ou do tipo que levam a cabo museus e instituições culturais, fomentando o reconhecimento do enorme valor do nosso património.

Desta forma, o tempo passado e o presente confluem na Universidade para materializar o tempo futuro. A experiência e o conhecimento adquirido são a base do desenvolvimento vindouro, desenvolvimento esse que atinge o seu expoente máximo nos nossos alunos, hoje, como membros da Universidade mas amanhã como artesãos do futuro da nossa sociedade, fazêmo-lo desde a nossa comunidade de Madrid, que guarda um património cultural e histórico de grande importância. Em grande parte também graças às importantes coleções de arte privada que se encontram na nossa Comunidade, o que demonstra a importante faceta do empenho colecionista.

A arte sempre foi posta à disposição da sociedade. Já no passado, durante a época do grande Miguel Ângelo, podemos encontrar um mercado de arte contemporâneo ao próprio, com comerciantes, leiloeiros e antiquários. Um mercado bem desenvolvido. Em alguns aspetos talvez mais que o atual, demarcado numa Florença renascentista que percebeu a importância da arte como recurso económico e político. Já que esta Florença seguia o testemunho da outrora magnífica Roma, a capital do Império, na qual também se desenvolveu um intenso intercâmbio comercial de objetos artísticos.

São muitas as referências que encontramos nas fontes clássicas sobre esse intercâmbio. Sabemos pois, que na cidade de Roma se poderia adquirir obras de arte em diversos lugares, como as de Sigillaria, lugar onde se fabricavam figuras tradicionalmente oferecidas durante as festas com o mesmo nome, celebradas em Dezembro, e que, consolidaram a tradição de oferecer presentes nestas datas.

O poeta Marcial informa-nos como em Septa Iulia de Campo de Marte, se encontrava um mercado de bens luxuosos e no qual se ofereciam esculturas de grandes artistas como Policeto, peças de bronze, manuscritos e outras antiguidades arqueológicas. Sublinha-se “antiguidades” na Roma clássica.

Aulo Gelio, na sua obra “Noites Áticas”, relata como ao passear por estes mercados, encontra Fido Optato, um gramático de renome em Roma, que lhe mostra um antigo exemplar do segundo livro de Eneida, que, acabou por comprar por 20 áureos. Noutra passagem, narra-se, que na época Cesariana, os vendedores de peças artísticas temiam a visita de um colecionador de nome Mamurca, o qual, perdia várias horas na busca de falhas e danos nas obras de arte de forma a conseguir reclamar um desconto no preço de compra.

Desde então, nesta relação comercial, a qualidade ou valor artístico, sempre foi a característica que atua como referência na procura. Assim, diferenciar o que fez um artista ou um artesão, é meramente centrar-se na qualidade desse trabalho para poder diferenciá-lo, e é o que nos leva a admirá-lo em todo o seu conceito de dentro dos parâmetros da sua forma e significado.

Neste contexto, as obras de arte são produto de uma criação que tem um valor quantificável. Porém, para poder valorizar corretamente tais obras não podemos prescindir da educação que fez referência no início desta exposição. Essa educação artística que é também histórica e se alimenta dos objetos que nos rodeiam. Sem estes, não poderíamos configurar uma sociedade culta, pois é através das indústrias culturais que nos identificamos com a nossa história e os nossos valores.

Continuemos a fomentar assim, as políticas culturais com o intuito que a cultura se possa converter em um dos nossos grandes recursos económicos. E fomentemos também, um turismo cultural que representa já, uma parte importante do PIB da nossa comunidade autónoma. Detemos um dos mais ricos património artístico do mundo, quer pela sua quantidade quer pela sua, sublinhemos, qualidade. E é nossa responsabilidade hoje, cuidá-lo, para que chegue às gerações futuras e que estas também o conservem e o admirem como merece.

Esta Universidade sempre foi fiel a responder às necessidades que uma sociedade em evolução exige, avançando no estudo das indústrias culturais e criativas, já que, tanto a arte como a cultura são, sem dúvida, um recurso económico essencial para o nosso país que detém um património cada vez mais procurado, respeitado e ambicionado por terceiros, e que, por isso, necessita de uma gestão tanto na vertente do conhecimento como da eficiência.

Finalizo, destacando, como a arte sempre fomentou e impulsionou a criatividade. Nos levou a encontrar novas e melhores formas de alcançar a eficiência, combinando estética e desenho, na busca da perfeição. Desde essas primeiras moedas, impressões, fotografias e mais atualmente os NFT's, a arte explica a História e aproxima-nos das sociedades que a cria, revelando os seus valores e preferências. Todavia, nos mercados de hoje, a oferta e a procura de arte, geram um preço certo à mesma. Razão pela qual, apenas podemos falar de valor incalculável em relação ao conhecimento. O mesmo será dizer, que este valor incalculável que damos à arte, se refere ao seu poder de educar.

Muito Obrigado”

Estas linhas pretendem expressar o valor e importância cognitiva do Património Cultural sobre todos nós, dia a dia, e com ele a necessidade de preservá-lo para as gerações futuras. O meu agradecimento à Universidad Rey Juan Carlos, pela oportunidade e confiança dada ao confiar-me este discurso de abertura, o qual se pode visualizar através do link:
<https://tv.urjc.es/video/63285e4f5b0c0e2404107c82>



Dra. Ana Vico Belmonte

Directora del Máster Universitario en Gestión del Mercado del Arte

Coordinadora de Prácticas Grado Marketing

Dpto. Economía de la Empresa

Universidad Rey Juan Carlos

Campus de Madrid (Madrid), España

Teléfono: 91 488 8042